



Medicina em ação: relato de experiência de alunos na linha de frente contra o *bullying*

Medicine in action: experience report of students on the front line against bullying

Medicina en acción: Informe sobre la experiencia de estudiantes en primera línea contra el acoso escolar

Andrey Gonçalves Emidio¹, Andreza Moreira Ribeiro Lins¹, Beatriz Martins da Silva¹, Eloisa Laís Silva¹, Enzo Martins Dias Gundim¹, Erika Simão Couto¹, Patricia Domingos Noro Martins da Silva¹.

RESUMO

Objetivo: Relatar a experiência de uma intervenção educativa voltada para a conscientização sobre bullying, realizada por estudantes de Medicina em 2024 com crianças do Ensino Fundamental. **Relato de experiência:** A ação de Educação em Saúde foi implementada em uma escola, utilizando o teatro de fantoches para transmitir o tema de forma lúdica e acessível a alunos de 6 a 8 anos. O enredo abordava a temática do bullying, onde os personagens João e Maria confrontavam o agressor Pedro, ensinando respeito e empatia. As crianças demonstraram engajamento ativo durante a atividade e entendimento sobre a mensagem transmitida, segundo avaliação dos acadêmicos e professores. Essa participação reforça a eficácia de métodos lúdicos para ensinar valores de cidadania e saúde. **Considerações finais:** A atividade evidenciou a relevância da prática para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e empáticas nos futuros médicos. Iniciativas assim contribuem para a redução de problemas sociais e de saúde ao promoverem uma cultura de paz e aliviarem demandas no Sistema Único de Saúde.

Palavras-chave: Bullying, Educação em saúde, Saúde mental.

ABSTRACT

Objective: To report the experience of an educational intervention aimed at raising awareness about bullying, carried out by medical students in 2024 with elementary school children. **Experience report:** The Health Education action was implemented in a school, using puppet theater to transmit the theme in a playful and accessible way to students aged 6 to 8. The plot addressed the theme of bullying, where the characters João and Maria confronted the aggressor Pedro, teaching respect and empathy. The children demonstrated active engagement during the activity and understanding of the message conveyed, according to the assessment of academics and teachers. This participation reinforces the effectiveness of playful methods to teach citizenship and health values. **Final considerations:** The activity highlighted the relevance of the practice for the development of communicative and empathetic skills in future doctors. Initiatives like this contribute to the reduction of social and health problems by promoting a culture of peace and alleviating demands on the Unified Health System.

Keywords: Bullying, Health education, Mental health.

¹ Universidade Cesumar (UniCesumar), Maringá - PR.

RESUMEN

Objetivo: Reportar la experiencia de una intervención educativa dirigida a concientizar sobre el bullying, realizada por estudiantes de medicina en el año 2024 con niños de educación primaria. **Relato de experiencia:** La acción de Educación para la Salud se implementó en una escuela, utilizando el teatro de títeres para transmitir el tema de forma lúdica y accesible a los estudiantes de 6 a 8 años. La trama abordó la temática del bullying, donde los personajes João y María se enfrentaron al agresor Pedro, enseñándole respeto y empatía. Los niños demostraron participación activa durante la actividad y comprensión del mensaje transmitido, según la evaluación de académicos y profesores. Esta participación refuerza la eficacia de los métodos lúdicos para enseñar valores de ciudadanía y salud. **Consideraciones finales:** La actividad destacó la relevancia de la práctica para el desarrollo de habilidades comunicativas y empáticas en los futuros médicos. Iniciativas como esta contribuyen a la reducción de problemas sociales y sanitarios promoviendo una cultura de paz y aliviando las demandas al Sistema Único de Salud.

Palabras clave: Acoso escolar, Educación en salud, Salud mental.

INTRODUÇÃO

Milhões de crianças e adolescentes em todo o mundo são afetados pelos níveis de bullying, um problema social persistente e complexo. Seus efeitos vão muito além dos muros das escolas, afetando a saúde mental e física das vítimas, além de criar um impacto significativo na dinâmica familiar e no ambiente comunitário. É comumente associado ao ambiente escolar, sendo muitas vezes subestimado em termos de gravidade e abrangência (ARMITAGE R, 2021). Estudos recentes mostram que os efeitos negativos do bullying na sociedade e na saúde podem ser desastrosos, impactando não apenas a vida das vítimas, mas também dos agressores e dos que testemunham as ações. Isso reforça a importância de intervenções multidisciplinares eficazes para a diminuição desses efeitos (FLANNERY DJ, et. al., 2023).

As vítimas de bullying geralmente apresentam uma variedade de problemas psicológicos, como depressão, ansiedade, baixa autoestima e transtorno de estresse pós-traumático. Essas consequências são frequentemente desvalorizadas ou tratadas de forma tardia, o que agrava o impacto no desenvolvimento social e emocional dessas pessoas (OLWEUS D, 2013). Estudos longitudinais indicam que essas consequências não são apenas imediatas, mas podem durar anos, contribuindo para o surgimento de problemas crônicos na vida adulta. Para os médicos, reconhecer esses sinais precocemente é essencial, pois a intervenção rápida e adequada pode evitar complicações mais graves e melhorar significativamente a qualidade de vida da vítima (BETTENCOURT AF, et. al, 2023).

Além dos impactos psicológicos, vítimas de bullying frequentemente relatam sintomas psicossomáticos, como dores de cabeça, dores de estômago e problemas de sono (FISHER, et. al, 2017). Esses sintomas podem ser confundidos com outras condições clínicas, levando ao subdiagnóstico do problema. É fundamental que médicos e outros profissionais de saúde estejam atentos às possíveis correlações entre sintomas físicos persistentes e ocorrências de bullying, considerando a história psicossocial do paciente (LIU Y, et. al, 2023).

Do ponto de vista social, o bullying prejudica significativamente a capacidade das vítimas de formar e manter relacionamentos saudáveis. Crianças e adolescentes que são alvos constantes de bullying tendem a se isolar, evitando interações sociais e apresentando maior dificuldade em construir laços de confiança. Esse isolamento não apenas aumenta a vulnerabilidade psicológica, mas também agrava a sensação de desamparo, o que pode levar a um desempenho acadêmico inferior e até mesmo à evasão escolar (KAESS M, 2018).

Os efeitos sociais e psicológicos do bullying precisam ser compreendidos profundamente antes de desenvolver estratégias de intervenção. No âmbito da saúde pública, isso significa adotar uma abordagem multidisciplinar que vá além do tratamento dos sintomas. É necessário trabalhar em conjunto com educadores, psicólogos, assistentes sociais e até mesmo a comunidade escolar para identificar e tratar as

causas subjacentes do problema (ABREGÚ-CRESPO R, et. al, 2024). Intervenções precoces e integradas podem ajudar a interromper o ciclo de sofrimento e agressão, criando um ambiente mais seguro e acolhedor para todos os alunos (RIVARA F, et. al, 2019).

Os profissionais de saúde têm um papel crucial nesse processo. Além de atuar no atendimento clínico, eles podem promover a conscientização sobre as consequências do bullying por meio de parcerias com escolas e comunidades. Programas e campanhas educativas, voltados para a prevenção e identificação precoce, são ferramentas eficazes para capacitar pais, professores e alunos a reconhecer os sinais de bullying e enfrentá-lo de forma ativa (SALMIVALLI C, et. al, 2021). A educação continuada sobre os efeitos negativos do bullying é essencial para criar uma sociedade mais empática e consciente, fortalecendo redes de apoio que podem prevenir e minimizar os danos causados por esse comportamento nocivo (IDSOE T, et. al, 2021).

A partir desse contexto, este relato de experiência teve como objetivo descrever uma intervenção educativa realizada em 2024, conduzida por estudantes do segundo ano do curso de Medicina. A intervenção foi cuidadosamente planejada para conscientizar e educar alunos de segunda e terceira série do Ensino Fundamental sobre o tema “bullying”, utilizando métodos que extrapolam a abordagem teórica tradicional, priorizando a interação e o engajamento dos participantes.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Os alunos do segundo ano de Medicina realizaram uma ação em uma escola pública municipal no ano de 2024 com o objetivo de implementar o conceito de Educação em Saúde, que foi aplicado nas aulas teóricas de interação comunitária. De acordo com o **Quadro 1**, foi eleito o tema “bullying” para conscientizar e educar os alunos de primeira e segunda série do Ensino Fundamental, com faixa etária entre seis e oito anos.

Quadro 1 – Tema e objetivo das apresentações do teatro de fantoches na Escola Municipal.

Tema	Objetivo	Participantes	Instituição
<i>Bullying</i>	Capacitar os estudantes e professores do Ensino Fundamental para reconhecer e lidar com situações de bullying, promovendo valores como empatia, respeito e solidariedade.	Crianças e professores de primeira e segunda série.	Escola Municipal.

Fonte: Emídio AG, et al., 2025.

Fundamentado em: Carmo LS e Silva VC, 2022.

A escolha do tema partiu de discussões em sala de aula que destacaram o impacto negativo do bullying no desenvolvimento emocional, social e acadêmico das crianças. A proposta foi elaborada com base em uma abordagem participativa, que buscou não apenas transmitir informações, mas também criar um espaço de interação e aprendizado coletivo.

Por se tratar de um relato de experiência baseado na observação de comportamentos e descrição de eventos, não exige aprovação do CEP, conforme as Resoluções CNS nº 466/2012 e 510/2016. A Resolução 510/2016 dispensa da análise ética relatos que descrevam situações já ocorridas, desde que respeitem o anonimato e não envolvam dados sensíveis (BRASIL, 2016). Já a Resolução 466/2012 reforça que apenas estudos com intervenção ativa ou risco direto aos participantes precisam de apreciação ética (BRASIL, 2013). Assim, relatos descritivos e reflexivos, que não identificam indivíduos, estão isentos dessa obrigatoriedade. Neste contexto, utilizamos como meio de integração com os estudantes o lúdico. Por intermédio de fantoches e cenários artesanais, criamos um enredo e história nomeada “A Aventura dos Amigos Contra o Bullying”. Nessa história, o enredo contava com momentos de confronto e reconciliação:

João e Maria, vítimas de bullying, unem-se para enfrentar Pedro, o agressor. Com coragem e solidariedade, eles confrontam Pedro e, ao invés de perpetuar o ciclo de violência, optam por ensinar-lhe uma lição sobre gentileza e respeito.

A escolha de um teatro de fantoches foi estratégica, pois essa forma de narrativa facilita a conexão com crianças pequenas, capturando sua atenção e promovendo um aprendizado envolvente. O uso do lúdico, com personagens carismáticos e histórias cativantes, possibilita abordar temas complexos como o bullying de forma leve, mas impactante. Além disso, a dramatização com bonecos gerou um ambiente descontraído, favorecendo a interação e a receptividade das crianças.

Durante a atividade, foi possível observar uma transformação no comportamento das crianças. Inicialmente, algumas demonstraram dificuldade em compreender o conceito de bullying ou relataram experiências que normalizavam atitudes agressivas. No entanto, à medida que o teatro avançava, notou-se um envolvimento crescente, com expressões de empatia pelos personagens e reflexões sobre as situações apresentadas.

Por meio da história representada pelo teatro de fantoches, ressaltou-se a importância dos relacionamentos humanos, da empatia e da conexão com o mundo ao nosso redor. Seja através de aventuras mágicas ou confrontos do dia a dia, cada narrativa nos lembra do poder da amizade, do apoio mútuo e da capacidade de superar desafios juntos.

As crianças participaram ativamente, interagindo com os bonecos, fazendo perguntas e compartilhando experiências relacionadas ao tema. Essa interação mostrou o quanto o teatro conseguiu criar um espaço seguro e acolhedor para elas expressarem suas percepções sobre o bullying. Durante a apresentação, as crianças mantiveram atenção do início ao fim, demonstrando envolvimento e compreensão da narrativa.

Ao final, os acadêmicos de Medicina formularam perguntas para as crianças com o objetivo de avaliar se elas compreenderam a moral da história e o conceito de bullying. Além disso, foram realizadas pequenas dinâmicas para reforçar os aprendizados, como exemplos práticos sobre como lidar com situações de agressão verbal ou exclusão no ambiente escolar. Essas atividades geraram um momento de reflexão em grupo, com as crianças compartilhando exemplos de situações vividas ou presenciadas no ambiente escolar.

O resultado foi excelente, sendo aprovado tanto pelos professores da escola quanto pelas crianças. Muitos professores relataram que o teatro trouxe uma nova perspectiva sobre como abordar o bullying na sala de aula, inspirando novas atividades e dinâmicas para reforçar o tema ao longo do ano letivo.

Dessa forma, a atividade alcançou seu objetivo principal: ensinar as crianças sobre os malefícios do bullying e a importância do respeito mútuo. Os professores destacaram que a abordagem utilizada pelos alunos de Medicina foi inovadora e eficiente, pois uniu criatividade, empatia e um método pedagógico lúdico que contribuiu para a formação cidadã das crianças. Além disso, a experiência foi enriquecedora para os acadêmicos de Medicina, pois possibilitou uma vivência prática de interação comunitária e reforçou o papel social do futuro profissional de saúde como agente educador e transformador.

DISCUSSÃO

Os acadêmicos de Medicina que se envolveram em ações contra o bullying em uma escola local demonstraram, na prática, o quão importante é trabalhar diretamente com a comunidade para resolver problemas de saúde pública. Essa experiência prática permitiu que eles compreendessem mais profundamente as dinâmicas sociais e psicológicas que perpetuam o bullying. Ao sair da sala de aula e interagir diretamente com crianças, professores e o ambiente escolar, os futuros médicos puderam vivenciar situações reais que a teoria, por si só, não pode proporcionar. Essa vivência lhes permitiu observar, em primeira mão, os desafios e as oportunidades de intervir em problemas de saúde que estão enraizados em questões sociais e culturais. A prática revelou que, embora o bullying seja frequentemente reconhecido como um problema escolar, seus efeitos vão muito além desse ambiente, afetando famílias, comunidades e, por fim, o sistema de saúde pública. A participação dos acadêmicos em uma ação como essa os aproximou

da realidade de como problemas comportamentais e sociais podem se manifestar em sintomas de saúde e como abordagens educativas podem contribuir para a prevenção e redução dos danos causados por esses problemas.

Sair da teoria e ir para a prática permite que os estudantes de Medicina desenvolvam habilidades essenciais que não são facilmente adquiridas em ambientes puramente acadêmicos. No ambiente escolar, eles enfrentam situações que exigem adaptação, criatividade e comunicação clara, especialmente ao lidar com crianças pequenas, que têm diferentes níveis de compreensão e atenção. Essa vivência prática ensina os estudantes a aplicar conceitos teóricos em situações reais, enfrentando desafios como resistência à mudança, respostas emocionais complexas e a necessidade de adaptar sua abordagem para diferentes públicos e faixas etárias. (ARAUJO CDR, et. al, 2024).

Além disso, os futuros médicos aprendem a importância da escuta ativa e da empatia, qualidades fundamentais para estabelecer confiança e criar um ambiente seguro para a expressão de sentimentos. Essas habilidades não apenas fortalecem sua competência técnica, mas também contribuem para o desenvolvimento de uma prática médica mais humana e eficaz. A interação com a comunidade escolar também possibilitou que os acadêmicos percebessem a importância do trabalho interdisciplinar, colaborando com professores, pedagogos e outros profissionais para alcançar objetivos comuns (SILVA GV, et. al, 2019).

O bullying, por sua vez, tem um impacto direto na evasão escolar e nos problemas de aprendizagem. Estudos demonstram que alunos que são vítimas de bullying frequentemente se sentem inseguros e ansiosos no ambiente escolar, o que leva a um comportamento de evitação. Essa evitação se manifesta na forma de faltas recorrentes, atrasos e até mesmo no abandono escolar completo. A insegurança constante, aliada ao medo de agressões físicas, verbais ou emocionais, cria um ciclo de ansiedade e sofrimento que prejudica a concentração, o desempenho acadêmico e o engajamento dos alunos nas atividades escolares (OLIVEIRA WC, 2018).

Esse absenteísmo, por sua vez, tem consequências em cascata, resultando em uma queda significativa no rendimento escolar e na capacidade de aprendizagem. Alunos que deixam de frequentar a escola regularmente acumulam lacunas de conhecimento, o que dificulta sua progressão acadêmica e aumenta o risco de reprovação. Além disso, a preocupação constante com possíveis agressões e exclusões sociais pode levar a um estado de hipervigilância, reduzindo ainda mais a capacidade de aprendizado e exacerbando problemas emocionais e comportamentais (ÖZCAN Ö, et. al, 2024)

Em casos mais graves, a experiência prolongada de bullying pode levar à completa desistência da escola, com impactos de longo prazo no desenvolvimento pessoal e nas oportunidades futuras dessas crianças e adolescentes. O abandono escolar limita drasticamente as possibilidades de emprego, renda e inclusão social, perpetuando ciclos de pobreza e exclusão. Esses efeitos, embora muitas vezes invisíveis em curto prazo, revelam a magnitude do problema quando analisados em um contexto mais amplo, reforçando a necessidade de intervenções precoces e eficazes para quebrar esse ciclo (TU Y, et. al, 2024).

Devido à gravidade da situação e aos efeitos crescentes do bullying, surgiram movimentos importantes nas políticas de saúde e educação para discutir e lidar com esse problema social. No Brasil, a Lei nº 13.185, promulgada em 2015, instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, que estabeleceu metas claras para combater o bullying, preveni-lo e aumentar a conscientização do público em geral (BRASIL, 2015). Essa lei marcou um avanço significativo na forma como o bullying é tratado, reconhecendo-o como um problema social que exige uma abordagem integrada e multidisciplinar.

Além disso, em 2018, o Decreto nº 3.636 reforçou os objetivos da lei ao exigir que as instituições educacionais adotassem medidas concretas para combater a intimidação sistemática e promover a cultura de paz. O decreto alterou o artigo 12 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tornando obrigatória a implementação de estratégias de prevenção ao bullying em todas as escolas do país (BRASIL, 2018). Essas mudanças legais foram fundamentais para aumentar a responsabilidade das escolas e incentivar a criação de ambientes mais seguros e acolhedores para os alunos.

Mais recentemente, em 2024, a Lei nº 14.811 foi sancionada, estabelecendo o bullying e o cyberbullying como crimes sujeitos a penalidades previstas no Código Penal. Essa lei trouxe uma abordagem mais rigorosa para lidar com essas práticas, destacando a gravidade de seus impactos e reforçando a necessidade de proteção às vítimas. A introdução dessas características nas legislações brasileiras demonstra a crescente preocupação com o problema e a necessidade de abordá-lo de maneira abrangente e eficiente (ZAINÉ I, et. al, 2010).

O bullying também pode ser analisado à luz do conceito de salutogênese, criado por Aaron Antonovsky em 1979. Esse conceito, que se concentra em entender os fatores que promovem a saúde em vez de focar apenas na doença, pode ser aplicado desde a infância como uma ferramenta poderosa para prevenir os efeitos do bullying. A salutogênese sugere que, ao promover resiliência, empatia e habilidades de enfrentamento em crianças e adolescentes, é possível reduzir significativamente o impacto do bullying em suas vidas (OLIVEIRA GN, et. al, 2024).

Ações educativas como as realizadas pelos acadêmicos de Medicina exemplificam como a salutogênese pode ser colocada em prática. Ao ensinar as crianças a lidar com adversidades de maneira saudável e a desenvolver redes de apoio, essas intervenções não apenas previnem os efeitos negativos do bullying, mas também promovem o bem-estar geral. Esse enfoque preventivo não beneficia apenas os indivíduos diretamente envolvidos, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais saudável e equilibrada (ARBESMAN M, et. al, 2013).

Por fim, essas ações reforçam a importância dos conceitos de Saúde Pública saírem do âmbito teórico e serem aplicados na prática. É por meio de experiências reais, como a intervenção educativa descrita, que futuros profissionais de saúde podem desenvolver uma compreensão mais completa de seu papel como agentes de transformação social. Ao capacitar crianças, professores e comunidades, essas ações contribuem para a criação de uma população mais consciente, que entende a importância do autocuidado apoiado por redes de suporte. Como consequência, espera-se uma redução na sobrecarga do Sistema Único de Saúde e uma melhora geral na qualidade de vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

1. ABREGÚ-CRESPO R, et al. School bullying in children and adolescents with neurodevelopmental and psychiatric conditions: a systematic review and meta-analysis. *The Lancet. Child & Adolescent Health*, 2024; 8(2): 122-134.
2. ARAUJO CDR, et al. Discutindo Temas de Saúde Mental com Estudantes de Escolas Públicas: Relato de Experiência do Projeto de Extensão Universitária Mentes em Ação. *Expressa Extensão*, 2024; 29(2): 84-95.
3. ARBESMAN M, et al. Systematic review of occupational therapy and mental health promotion, prevention, and intervention for children and youth. *American Journal of Occupational Therapy*, 2013; 67(6): e120-e130.
4. ARMITAGE R. Bullying in children: impact on child health. *BMJ Paediatrics Open*, 2021; 5(1): e000939.
5. BETTENCOURT AF, et al. Long-term consequences of bullying involvement in first grade. *Journal of School Psychology*, 2023; 97: 63-76.
6. BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 nov. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 27 dez. 2024.
7. BRASIL. Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 15 maio 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13663.htm. Acesso em: 27 dez. 2024.

8. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, Brasília, 13 jun. 2013. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2024.
9. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, Brasília, 24 maio 2016. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2024.
10. CARMO LS do, SILVA VC. Teatro de fantoches como estratégia lúdica para a promoção e prevenção à saúde. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2022; 15(7): e10685.
11. FLANNERY DJ, et al. Bullying and school violence. *Pediatric Clinics of North America*, 2023; 70(6): 1153-1170.
12. FISHER K, et al. Bullying: Effects on school-aged children, screening tools, and referral sources. *Journal of Community Health Nursing*, 2017; 34(4): 171-179.
13. IDSOE T, et al. Bullying victimization and trauma. *Frontiers in Psychiatry*, 2021; 11: 480353.
14. IYANDA AE. Bullying victimization of children with mental, emotional, and developmental or behavioral (MEDB) disorders in the United States. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 2021; 15(2): 221-233.
15. JÚNIOR CC. Trabalho, educação e promoção da saúde. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2020; 12(4): e2987.
16. KAESS M. Bullying: peer-to-peer maltreatment with severe consequences for child and adolescent mental health. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 2018; 27(8): 945-947.
17. LIU Y, et al. School bullying and self-efficacy in adolescence: A meta-analysis. *Journal of Adolescence*, 2023; 95(8): 1541-1552.
18. OLIVEIRA GN, et al. Interseccionalidade saúde-educação: caminhos para a promoção da saúde na educação infantil. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, 2024; 11(28): 235-254.
19. OLIVEIRA WC. O papel do professor diante do bullying na sala de aula. *Educere - Revista da Educação da UNIPAR*, 2018; 18(2): 1-10.
20. OLWEUS D. School bullying: development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, 2013; 9: 751-780.
21. ÖZCAN Ö, et al. Peer bullying tendencies of school children: The role of demographic, health-related, and school-related factors. *Journal of Pediatric Nursing*, 2024; 78: 31-36.
22. RIVARA F, et al. The effects of violence on health. *Health Affairs (Millwood)*, 2019; 38(10): 1622-1629.
23. QUADRA AA, AMÂNCIO AA. A formação de recursos humanos para a saúde: desafios e perspectivas. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, 2019; 4: e2758.
24. SALMIVALLI C, et al. Bullying prevention in adolescence: Solutions and new challenges from the past decade. *Journal of Research on Adolescence*, 2021; 31(4): 1023-1046.
25. SILVA GV, et al. Promoção de saúde mental para adolescente em uma escola de ensino médio - Um relato de experiência. *Rev. NUFEN, Belém*, 2019; 11(2): 133-148.
26. TU Y, et al. The prevalence and severity of school bullying among left-behind children: A meta-analysis. *Trauma, Violence & Abuse*, 2024; 25(3): 1838-1852.
27. ZAINE I, et al. Comportamentos de bullying e conflito com a lei. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 2010; 27(3): 375-382.